

O Poder Popular desde a concepção anarquista

Federação Anarquista Uruguaia (FAU)

2001

O Poder Popular desde a concepção anarquista

1. O socialismo não é um produto puramente acadêmico, uma criação intelectual, uma inteligente experiência de proveta. Ele é uma elaboração teórica que tem detrás uma longa luta dos trabalhadores e do povo. É a constatação dos de baixo que este lugar não é adequado para que nele possa conseguir uma vida digna de ser chamada assim. Há sacrifícios, lutas, sangue e sonhos no interior desse conceito de socialismo. Há uma longa história de resistências. É uma produção histórica vinculada aos anseios dos de baixo. Não é uma ciência é uma aspiração e esperança do ser humano, das classes, coletivos e povos oprimidos

2. Tem sua elaboração teórica, isto sim pertencendo ao terreno do saber, dos estudos de fundo, da análise de rigor que trata de estabelecer mecanismos, dispositivos, gêneses, elementos constitutivos, zonas fortes e débeis na reprodução, etapas, conformação das classes, produção de saberes, o jogo que estabelecem os distintos componentes chaves do sistema, a criação de diversas construções em prol de manter o controle dos povos. Todo um amplo campo para a ciência social que atualmente tem produzido mais que nada hipóteses de trabalho. São questões que devem ir sendo melhoradas e enriquecidas constantemente, não são dogmas de coisas ditas de uma vez e pra sempre.

3. Os marxistas fingem resolver problemas que não sabem formular. No atual horizonte epistemológico, as afirmações de Marx contra Hegel, e seu autoproclamado materialismo, é na verdade um idealismo travestido. Segundo estes pensadores, os chamados estruturalistas, tão fecundos, todo ser humano tem em sua “cabecinha” categorias filosóficas com as quais se explica o mundo e seu lugar nele, por mais precárias que sejam estas categorias, por mais rudimentar que seja em termos de sistema, todos levamos uma carga com a qual enfrentamos o mundo. Ter consciência de quais são essas categorias que carregamos de forma involuntária e muitas vezes inconsciente, é para nós anarquistas, um imperativo de lucidez intelectual.

4. Sobre este campo de trabalho científico que em algum momento, no marco de determinada epistemologia, se chamou filosofia, opinou com grande perspicácia Errico Malatesta dizendo rechaço aos dogmas quadrados e uma atitude de abertura as investigações e novos conhecimentos que vão chegando. Certeza no que queremos pelo que lutamos e abertura para o campo das ferramentas que vamos usando para nosso trabalho, as que hoje são úteis amanhã podem ser suplantadas por outras que resultem mais fecundas.

Ensinos do capitalismo e a causa dos de baixo

5. Especialmente este último século de capitalismo e lutas dos povos deixa muito material para reflexão e estudo. Nos foram ensinando que o sistema tem uma capacidade muito grande de desenvolvimento e de sortear suas dificuldades ou de digerir suas lutas intestinas; que essas práticas sinuosas não lhe originam crise de profundidade, que até podem ser que sejam elementos constitutivos que lhe dão vida, que asseguram sua deflagração. Nos parece indicar que um sistema assim não se suicida. Também de que não pode se esperar que seu processo interno nos facilite a tarefa, de que tal processo oferece elementos para a chegada do socialismo. Toda sua estratégia de existência é contrária as bases que necessita uma sociedade de outro tipo de relações sociais como a pensada em termos de socialismo.

6. Os dispositivos, os mecanismos, as tecnologias de poder, as instituições, os hábitos, os comportamentos, as idéias com que inunda a vida social, a mesma forma de encarar a produção de bens e serviços, sua relação com a natureza, exige por tal sistema de cabeça pra baixo para possibilitar outra forma de vida social. Mas pô-lo cabeça abaixo com o uso de outras ferramentas. Deste universo social e orgânico não sai nenhum produto bom para os de baixo. As velhas idéias de progressismo crescente na medida do desenvolvimento do capitalismo têm sido sepultadas pela história.

Desde o presente mas mudando. Criando Poder do povo.

7. É certo que o trânsito até uma sociedade distinta deve ser feito dentro deste sistema. Mas a experiência vivida indica que existem meios, orientações, uso de instrumentos, utilização de instituições, formas de organização de atividades sociais, que devem ser dispensados se é que queremos ir conformando forças sociais capazes de produzir verdadeiramente mudanças nas formas da organização social. Outro enfoque é alternativa imprescindível se queremos ir construindo uma sociedade distinta.

8. O que demonstra a história, também produções teóricas de rigor, é que esses dispositivos de poder absorvem, exprimem, fazem funcional o que entra em sua circulação. Também fica claro que com a lógica do sistema não podem ser pensados problemas contrários a ele. As experiências das social-democracias

são paradigmáticas em tal sentido, usando a lógica do poder dominante terminaram pensando igual, olhando com o mesmo prisma a vida social e assim se tornaram impotentes ainda para reformas menores. Não é essencialmente distinto o que ocorreu com a concepção de ditadura do proletariado, ao socialismo real, que tomou estruturas, instituições e até a mesma lógica como herança legítima para seu próprio processo. Todos esses mecanismos, todo esse conjunto institucional não está vazio, pelo contrário, está cheio. Cheio de produções constantes a favor de manter e reproduzir um tipo de ordem social. De manter a dominação. Não parece ser de boa estratégia escolher aquelas vias, aqueles lugares e trajetos que tem dono e o poder de imprimir seu selo ao que ali entra. Quantas organizações políticas, quantos lutadores cheios de ideais e sonhos terminaram pensando com a lógica do sistema e vendo como inimigos a seus queridos companheiros de ontem.

Outro caminho, outra produção exige a rota até o socialismo

9. Como ponto de partida o caminho é, parece indicar a experiência histórica deste século, não entrar no núcleo duro do sistema com vistas à mudança. Não escolher os elementos que tem a força reprodutora para criar algo totalmente distinto. Buscar estrategicamente os pontos em que resulta mais vulnerável o sistema e onde seu controle é relativo, algo débil e tem “vírus”

10. Aparece por fora do básico usufruto de bens e serviços enorme quantidade de população. Este sistema de dominação vai sumindo na miséria a maioria da humanidade, já vai excluindo em forma progressiva. Esse universo privado de tudo (indigência) ou quase tudo (pobreza) ou que dispõe acesso a muito pouco do que aspira, (classe média baixa) está composto hoje de cerca de 80% da população mundial. Neste universo tem ido se produzindo uma certa quantidade de mudanças culturais: mecanismos de sobrevivência; formas originais de apoio mútuo; viver com formas transitórias de trabalho. Em tais condições cotidianas de existência aparecem novas técnicas e formas de pensar e sentir. Aparecem muitos comportamentos sociais que não são desejados e sim combatidos pelo sistema. Se descrê em certos discursos, instituições e práticas sociais e políticas. Há graus de mudança em noções de justiça e direitos, mudanças cujos conteúdos vão tomando distância dos consagrados. Vai se produzindo outro sujeito histórico, tanto no pessoal como coletivo. A reprodução não é total nem tampouco é o disciplinamento oficialmente estabelecido. A luta, a resistência, tem estado presente através de toda a história. Ainda que ela haja tomado diversas formas

O sujeito de mudança tem que ser produzido para avançar até o Poder Popular

11. “O sujeito também é uma produção histórica” nos avisam os estudiosos e por tanto tem que por em funcionamento práticas de libertação que o vão produzindo e organizando. Ou fortalecer aquelas que já estão funcionando. Outro sujeito histórico não virá do nada, não aparecerá como arte de magia, deve ser o fruto de práticas que internalizem outras questões que chocam com o dominante. A participação efetiva, a autogestão, a ação direta, a forma federal de funcionamento realmente democrático, a solidariedade e apoio mútuo, necessitam de mecanismos, organizações, práticas regulares para seu desenvolvimento. E só se produzida no povo poderá fazer realidade a mudança. Parece certo que necessita constantemente de organização no seio de sua ativa criação. A continuidade que necessita, para um desdobramento que permita a mudança, requer de uma sustentada estratégia. Uma estratégia coerente, para que não se desfie o que em um dado momento se tece. Uma estratégia que tenha em seu interior um mundo distinto que vai emergindo desde o seio de outro que lhe é antagônico. O famoso “usar todos os meios” pode ser uma maneira efetiva de assegurar que não possa se emergir nenhuma estratégia antagônica portadora dos elementos de desestruturação do sistema vigente. Por isso é de principal importância a estratégia estabelecida e as táticas que guardam correspondência com ela. Tanto no social, como no político esta estratégia deve circular pelo interior de todas suas práticas. Deve formar força social correspondente. Fazer realidade em um processo de ruptura o discurso-prática.

12. Isto não implica o tudo ou nada ou arar no deserto. Deve ser localizado com a maior precisão possível qual é o ponto de partida, o caráter específico que tem o conjunto das relações sociais que configuram e sustentam o sistema e cada formação social histórica precisa em que devemos atuar. Do que é hoje uma crua e brutal realidade social devemos partir, não serve elaborar soluções através de processos mentais independentes que não guardam relação em como são e estão se dando determinados processos sociais concretos. Não devem ser fabricadas realidades a nosso gosto ou para que encaixem em nossos dogmas ou esquemas, pois isto seria mais lúdico que político.

Quando os caminhos curtos são os mais longos e enganosos

Construir um Povo forte é politicamente o fundamental

13. A estratégia marca campos gerais, guias de ação, coordenadas fundamentais, a tática por sua parte deve zigue-zaguear em função da fluidez da ação histórica concreta. Mas esse zigue-zague deve fazê-lo em determinados marcos e com determinados conteúdos, do contrário não fica compreendida em nenhum projeto de mudança. A construção de “Um Povo Forte” requer um determinado trabalho social regular e uma organização política que se articule a esse trabalho.

14. Usaremos o conceito de social para descrever atividades como as de: Sindicatos, cooperativas, trabalho barreal reivindicativo, D.H., temas gerais e pontuais de tipo reivindicativo ou por melhoras imediatas tais como Saúde, Moradia, unidade Operário Estudantil, Etc.

15. Por organização política, uma instância de condensação, que intenta assegurar a continuidade da estratégia, a elaboração teórica, o desenvolvimento de instâncias técnicas, as orientações gerais na conjuntura, dotação de eficácia para as confrontações, a visão geral sobre as lutas parciais, a localização da estratégia do inimigo em cada momento, a aprendizagem constante do que cria a luta popular, a costura das alianças que o processo aconselhe. Também construir uma proposta de funcionamento social para o presente, para a sociedade toda, onde se processe uma mudança sem interrupção. Localizando o mis precisamente possível o Estado como estrutura política especial do inimigo de classe; toda sua capacidade repressiva, todas suas instituições de “perversa fantasia”: eleições, parlamentos, etc. mas tendo presente ao mesmo tempo que o poder dominante não se encontra somente aí, que corre por distintas artérias do corpo social.

16. Localizamos, assim, o social e o político como dois planos de ação simultânea e devidamente articulados. Mas cada um com sua independência relativa, com sua própria especificidade. Somos assim partidários de um trabalho simultâneo, dentro de um mesmo projeto: da organização política libertária e do trabalho em todo o campo social. Somos partidários da construção do poder popular, como já anunciava a FAU em materiais de 1960 em diante.

17. Mas devemos dizê-lo, com a intenção de pensar o presente, o fundamental desta posição tenha se inscrito na alvorada mesmo da concepção libertária do socialismo. A revolução social; o Estado como expressão do inimigo de classe; uma sociedade baseada na solidariedade em oposição ao egoísmo cruel do capitalismo; o não uso dos mecanismos do sistema: eleições, parlamentos, não tomar postos no Estado; a não institucionalização dos sindicatos. Foram estas propostas e práticas social-políticas as que marcavam um rumo geral para sair do abraço mortal do sistema, de sua teia de aranha pegajosa, tramposa e por momentos tão atrativa para muitos.

Quando uma nova forma de fazer política só é retórica

E quando devemos ir em sério na busca dela.

18. Nosso projeto de intenção revolucionária compreende hoje, como ontem, a eleição, a busca coerente de caminhos para transitar. Sem dogmas enquanto as ferramentas teóricas a usar, toda produção rigorosa que permita melhor leitura da realidade deve ser tida em conta. Ir à cena com aquele frescor e abertura que nos permita viver nosso tempo, tendo muito presente todas as mudanças que trouxe e traz. Nos dotar, enfim, de uma leitura que localize os reais problemas de nossa época. Ao mesmo tempo com firmeza e intransigência para enfrentar tudo o que produz e sustenta o sistema atual, com o coração e o tesão posto em um porvir que tem que ser construído todos os dias nos diferentes âmbitos de militância.

19. Nós não duvidamos que a organização política forma parte substancial na construção dessa saída mas desde outros valores, de outras práticas ideológicas e éticas, de outra sensibilidade social. Organização eficiente não é sinônimo de hierarquia. Organização política sempre operando no interior da preocupação das pessoas e formando parte do processo com o povo, convivendo com seu grau de consciência. Aspirando contribuir à sua “elevação” ou modificação positiva com sentimento de pertença a esse povo em plano de igualdade e não das “alturas” do saber. Organização política que concebemos como diferente de certos “horizontalismos” que contem germes antiorganizativos e que não tem proposta válida para a ruptura e nem sequer para produzir forças sociais.

20. A ideologia não vem de fora, se produz no seio mesmo das práticas, nas idéias e comportamentos que o povo vai realizando através de seus diversos enfrentamentos. A produção de uma tecnologia social-política nova e “discursos de saber” correspondentes a libertação não podem ser produzidos sem deslocar os que fazem a dominação. São discursos que deve entrar em confronto e abreviar de todas as instâncias

de resistência onde o povo protagoniza lutas. Em tal sentido, também a Organização política está em constante reeducação.

21. Dizem que “o poder existe em atos”, o mesmo pode se dizer da revolução. Como nos faz lembrar M.F., “dada a natureza da política, a radicalidade é da ordem da existência e não do discurso”. Não é um ato isolado. Exigem práticas modificadoras, de ruptura, de descontinuidade, em campos como o econômico, o ideológico, o político-jurídico, o cultural geral. Estar lutando e rompendo essa vasta rede de dominação. Tudo isso se concretiza em um processo com ativa participação popular. Um povo que o comporíamos como um amplo espectro dos oprimidos e explorados que designamos nesta etapa histórica como conjunto de Classes oprimidas. Um povo que sofre, dentro das mudanças estruturais ocorridas, uma fragmentação de importância que deve ser superada. Onde estruturas de dominação têm se desenvolvido e surgido em outros lugares que os tradicionais. Estender laços solidários que vincule, que faça que a unidade de suas lutas constitua um fundamento de primeira ordem para que conformem uma força social capaz de dar lutas efetivas e dar passos com qualidade. Não estamos falando de gradualismo, nem linearidade nem de tomar postos inimigos um a um. Estamos falando de opor sistematicamente, estrategicamente, um universo que compreenda a nova realidade histórica, as mudanças que foram surgindo em complexos processos.

O de cima e o de baixo como campos homogêneos

Desestruturação do velho

22. Um processo revolucionário socialista e libertário tem como condição de existência que sua direção seja de baixo para cima e não o inverso. Desse abaixo e esse acima que se referia Bakunin e que não implicava hierarquia senão instâncias organizativas sociais. Do povo mesmo, de baixo, dos que sofrem o rigor do sistema, dos que resistem, criam e buscam formas organizativas para se defender. Isto implica na militância a produção de uma cultura para seu desenvolvimento na mudança social proposta. Implica, digamos de passagem, também determinadas mudanças, internalização do projeto, convicção no “estilo” e comportamento militante.

23. A tarefa de remover o velho, deslocá-lo, desconstruir sua estrutura, é tarefa diária e não pontual e episódica. Somos parte da constituição de uma conjuntura e seu aproveitamento depende do que tenhamos feito antes. Tarefa diária que deve ser feita no seio das diversas expressões populares e procurando a maior sintonia com inquietudes e urgências sentidas para que essa condição necessária de participação popular esteja presente. Que não sejam práticas de solitário ou de quem operando a margem de sentimentos populares só atinam finalmente se enojar com o povo. Não é seguidismo de hábitos impostos por séculos de construção de um sujeito para um sistema, é tarefa de todos os dias, de militar para a desconstrução no seio mesmo e de dentro do povo, com o muito já feito por esse povo que pertencemos. É estar atacando estruturas que tem sua genealogia, seu desdobramento e residem em diferentes “territórios” do sistema.

24. Uma tarefa no marco do território inimigo, vinculada a múltiplas resistências e lutas, a maioria delas reivindicativas ou exigindo melhoras. Pedindo reformas com relação ao existente. Mas como bem dizia nosso teórico Malatesta: a questão não é ir conquistando melhoras mas com que espírito, com que tela de fundo se faz. Agregava que não é o mesmo ir conseguindo reformas que ser reformista. O que vai se construindo de poder popular tem que ter uma meta desde agora: o socialismo. Sem esse objetivo não haverá futuro emancipatório. Esse processo de construção de poder popular pode ir arrancando melhoras e não sintoniza com a premissa algo mágica de: “quanto pior, melhor”. Tampouco com o muito melhor, muito melhor. Pois este último tem colocado um duro problema, especialmente nos países altamente industrializados: de fato a institucionalização, um grau alto de integração ao sistema, de determinados setores do povo.

25. Porque queremos um processo revolucionário? Não é uma escolha romântica nem nostálgica. É uma escolha quase descarnadamente racional, lógica. Assenta-se em uma lógica que este século de funcionamento capitalista nos indica, que tem um hoje mais que eloquente em seus horrores. No há outra saída, e mais, para os debaixo nunca houve no seio dele.

Biblioteca Anarquista



Federação Anarquista Uruguaia (FAU)
O Poder Popular desde a concepção anarquista
2001

cabanarquista.com.br

bibliotecaanarquista.org